

A POSSIBILIDADE DE CRIAR

Maria Emília Lino da SILVA*

RESUMO

A vida mental, enquanto movimento, cria um campo de ação a partir do qual se delimita uma região de consciência fora da qual impera o mistério. As dimensões e características da região acessível ao conhecimento consciente define a capacidade de controle. A tolerância frente aos limites dessa capacidade permite que a pessoa possa se abrir ao mundo ou a leva a se fechar, podendo passar a atribuir ao mundo o atendimento de suas necessidades. O aspecto material e determinista do mundo, por ser mais passível de controle, oferece maiores atrativos ao conhecimento, enquanto o campo psíquico e social costuma apresentar maiores desafios. Frente a este contexto a personalidade se depara com uma escolha entre dois estilos de trabalho mental: o cartesianismo inteligente ou o estilo estético, criativo.

"O pensamento que é apenas pensamento, a obra de arte que apenas foi concebida, o poema que apenas foi sonhado, ainda não valem a pena. A realização material do poema em palavras, da concepção artística em estátua ou quadro, é que merecem esforço. O esforço é penoso, mas é também precioso, mais precioso ainda que a obra em que se realiza, porque, graças a ele, tira-se de si algo que não havia antes, eleva-se acima de si mesmo. Ora, este esforço não teria sido possível sem a matéria. Pela resistência que ela opõe e pela docilidade a que a podemos conduzir ela é, ao mesmo tempo, o obstáculo, o instrumento e o estímulo; ela testa nossa força, conserva-lhe a iniciativa e estimula sua intensificação." (Bergson)

(*) Professora de Pós-Graduação - PUCCAMP, Doutora em Psicologia pela USP. Psicanalista

A - O Movimento e a Delimitação do Campo de Ação

A vida é movimento: o que caracteriza o ser vivo é a passagem de algo a outro algo diferente. Essa passagem, com as variações de ritmo e direção que podem incluir a inércia aparente, delimita um passado e um presente, e a noção de vida está intimamente associada à de tempo, que ela define.

A noção de mudança/tempo introduz um problema: o que tenho aqui, agora, posso conhecer; mas quando começa a se transformar começa a deixar de ser o que conheço para ser algo que ignorarei até que se tenha transformado. O movimento traz, assim, o sentido de futuro e com ele o de mistério.

O mistério implica, portanto, um conhecimento adquirido: o conhecimento de um limite, onde acaba a sabedoria e começa a ignorância. Associa-se-lhe um componente fortemente afetivo: o medo do desconhecido, da falta de controle sobre o que não se conhece.

As mudanças não costumam ocorrer globalmente em todo o universo captado e as diferenças de ritmo e direção oferecem critérios determinadores de localização: o movimento define assim a noção de espaço.

Não se trata porém de algo puramente intelectual. Muito antes que possa ser abstraída em forma de conceito, a noção de espaço interfere substancialmente na vida, pelo seu valor afetivo. A primeira definição espacial a que se chega refere-se à extensão do eu corporal, e a própria afetividade talvez se constitua como uma aproximação-distanciamento em relação a um "lugar" nuclear e mítico. Segundo SCHACHTEL (1962, p. 76) *"todos os nossos afetos surgem dessas distâncias espaciais e/ou temporais que se abrem ante nós e nossos objetivos no mundo depois que abandonamos o enclausuramento da vida intra-uterina"*.

A mais rápida e profunda das mudanças nos ocorre quando, ao nascer, **passamos de um mundo em que não existe a premência de conhecimento para outro que a todo momento exige esforço de aprendizagem**. Temos então o primeiro contato com o mistério e com nossa fragilidade frente a ele.

No próprio nascimento a separação tem duplo aspecto, psicobiológico, segundo a caracterização desse autor: *"uma tran-*

sição da vida com um equipamento biológico adaptado a um meio de enclausuramento à vida com um equipamento biológico diferente (incluindo o psicológico) - que já estava se desenvolvendo no útero - em um meio de enclausuramento decrescente e de separação crescente " (1962, p. 68).

De modo que nascer/dar-à-luz é uma ruptura, um partir-se no duplo sentido da palavra, que mais se acentua e se repete ao longo da vida: de repente o homem se percebe num mundo estranho e percebe a si mesmo como estranho. E cada crescimento, cada aprendizagem é uma separação, uma renúncia.

B - Mistério e Consciência

Quem está vivo está, pois, imerso no mistério e na ignorância, sujeito a transformações que podem se processar independentemente dentro e fora de si. Está constantemente em face de fenômenos incontroláveis, sem muitas vezes poder fazer nada, à mercê.

É verdade que nem todas as transformações possuem tal caráter de autonomia. Muito é possível impedir, dirigir, provocar. A vida humana se distingue das outras formas conhecidas de vida na intencionalidade com que assume a função de controlar as mudanças passíveis de controle, aumentando cada vez mais seu campo de ação além mesmo dos limites necessários a sua sobrevivência.

No afã de conseguir entendimento e conseqüente domínio o homem lança mão de todos os recursos, inventa ou descobre novos, alcançando a emoção vitoriosa da alegria que espanta o medo e a sensação de fraqueza impotente, a angústia básica de estar vivo - e saber disso.

Alguns dos instrumentos que emprega lhe são próprios, como a inteligência, a imaginação, a habilidade manual, precisando ser explorados, dominados, tanto quanto os que retira do meio, como a alavanca ou a eletricidade.

A principal ferramenta humana é a Consciência, que FREUD (1911, p. 277) identificou como "*o órgão sensorial para a qualidade psíquica*", responsável pela repercussão interna dos estímulos que lhe chegam através dos múltiplos sentidos.

Pela necessidade de adaptação ao ambiente interno ou externo, social ou físico, constituíram-se funções especializadas.

Com a Percepção é possível captar, interpretar e decidir a reação a um estímulo. Por meio desta percepção altamente adaptativa o homem cria o mundo a partir do nada, ou seja, transforma o caos da multiplicidade de estímulos que detecta em padrões organizados, inteligíveis, integrados num contexto que lhes dá sentido.

Não é preciso, porém, esperar que o estímulo chegue: pode-se procurá-los pela Atenção, *“cujo conteúdo consistia em indagar periodicamente o mundo exterior para que seus dados pudessem ser já familiares quando surgisse uma necessidade interna urgente”* (FREUD 1911, p. 498).

Para que pesquisa e armazenamento tenham efetividade, *“provavelmente se estabeleceu também um sistema de notação encarregado de depositar os resultados dessa atividade periódica da Consciência, uma parte do que chamamos memória”* (FREUD, 1911, p. 498).

O desempenho de tais funções não é porém automático, como os comportamentos instintivos. É fruto de maturação e aprendizagem, sofrendo a influência do impacto da história de vida sobre a estrutura sensorial, sendo importante lembrar o aspecto cultural.

Assim o homem vai construindo o mundo - a imagem do mundo - por si mesmo, a sua semelhança, produto de interações recíprocas, levando a maior facilidade de adaptação. Essa imagem sofre constantes modificações paralelas à evolução do próprio homem. A cosmologia da criança modifica-se à medida em que ela cresce, como se modifica o conhecimento da humanidade à medida em que esta progride. Considerando, sob tal aspecto, o desenvolvimento do homem, notamos a mesma linha de evolução no indivíduo e na espécie: do pensamento mágico e concreto para o lógico e experimental; da indução para a dedução.

De modo que a percepção é atividade - e atividade criadora - porque não se limita a um apreender o que está aí, mas, ao selecionar e interpretar o dado sensorial, cria o objeto da percepção, transfigurando-o, acrescentando ou suprimindo elementos ao objeto original.

O aspecto criativo, subjetivo, é muito importante. Mas precisa ser contido, limitado, porque não terá efetividade adaptativa se não se apegar ao “real”, ao “objetivo”. A discriminação subjetivo-objetivo torna-se, portanto, de importância capital na vida cotidiana.

Chamou-se "razão" à função discriminadora desses aspectos e foi por muito tempo considerada a mais importante característica do homem: o "cogito" de DESCARTES, o "pensar faz a grandeza do homem" de PASCAL.

Os atos de pensar e discriminar ficaram assim identificados, restringindo-se o pensamento a um de seus aspectos. A objetividade foi eleita a principal característica do pensamento, seu traço distintivo. O conhecimento emocional, intuitivo, foi considerado por muito tempo de natureza diferente e de qualidade inferior ao raciocínio. "No entanto, diz MILLER (1951, p. 279), *muitos dados de pesquisa sugerem que o processo básico de crença e indução que fazemos na percepção é mais primitivo filogenética e ontogeneticamente e menos passível de destruição do que a crosta de iceberg da racionalidade que colocamos acima de tudo*".

Para garantir a objetividade foi preciso ampliar os recursos perceptivos herdados da natureza, e chegou-se a uma forma sofisticada de percepção, a mais valorizada forma de conhecimento que a humanidade desenvolveu, denominada Ciência. Pelo conhecimento científico e tecnológico o homem ultrapassou seus recursos naturais e enveredou por regiões proibidas a suas limitações físicas, fez-se senhor do universo até graus insuspeitados. Foi capaz de vencer muitas ameaças do espaço e do tempo, triunfando e ampliando de modo vertiginoso seu poderio.

A ciência, no entanto, sendo criação e portanto imagem do homem, também é viva, também se transforma, muitas vezes com dor, com espanto. Sua história registra vários episódios em que seu desenvolvimento, as mudanças de conhecimento e suas implicações foram impedidas, adulteradas, inclusive negadas. Mais de uma vez o homem preferiu continuar acreditando que sabia o que pensava saber a enfrentar revelações e descobertas pelo conflito que trariam. Mas isso também é passageiro e os novos conhecimentos acabam por ser reconhecidos, podendo então ser ultrapassados e a ciência assim progredir.

Apesar do cabedal científico ter se desenvolvido tanto que não pode mais ser possuído por um só homem, por mais que a isso se dedique; apesar de ter transposto fronteiras julgadas intransponíveis pela capacidade humana, o mistério continua. Séculos de tradição científica não acabaram com a ignorância sobre o universo e o próprio homem continua a ser um desconhecido.

E cada vez mais se atenta, agora, para a parte esquecida, desvalorizada do homem. Cada vez mais se olha para a emoção e a intuição como formas igualmente dignas do espírito humano. MILLER (1951, f. 279) chega mesmo a nos advertir para o fato de que *“nossa razão está começando a mostrar que a principal explicação para a efetividade (adaptativa), o princípio primário por trás de nossos processos perceptuais, conscientes e inconscientes, não é a racionalidade dedutiva mas o processo indutivo da crença irracional”*.

C - O Controle

O aspecto do mundo que o homem é capaz de controlar torna-se o campo predileto de estudos, onde ele aceita desafios cada vez mais difíceis, aperfeiçoando-o e ampliando-o, fazendo-o mais inteligível para ele, tornando-o mais e mais sua imagem e semelhança. É o mundo determinista, em que se tem a ilusão de que cada coisa obedece a leis e portanto conhecê-las constituiria uma forma eficiente de controle.

Mas as limitações do homem e de seu conhecimento impedem que a eficiência seja completa, e, ao contrário, ela falha a cada momento. O reconhecimento doloroso dessa falha está implícito no comentário de SARTRE (1965, p. 54) sobre o mundo determinista: *“Este mundo é difícil. Essa noção de dificuldade não é uma noção reflexiva que implicaria uma relação comigo mesmo. Existe, no mundo: é uma qualidade do mundo que se dá na percepção”*.

Esse mundo é difícil: uma realidade que se impõe muito cedo tanto à espécie quanto ao indivíduo humanos, persistindo pela vida inteira, exigindo contínuo esforço de adaptação coletiva (a “natureza humana”) e dá origem à sociedade, à ciência, à arte, aos esportes... Como essa dificuldade reside especialmente em ser desconhecido, muito do esforço adaptativo consiste numa tentativa de conhecê-lo ou de, pelo menos, acreditar nisso.

Apesar de toda sua comprovada utilidade a visão determinista pode falhar. Quando isto ocorre, o homem recorre a outro tipo de apreensão que lhe revela outro mundo: o mágico. Ainda seguindo o raciocínio de SARTRE: *“a consciência pode ‘estar no mundo’ de duas maneiras diferentes. O mundo pode aparecer-lhe como um complexo organizado de utensílios tais que, se se quiser*

produzir um determinado efeito, será preciso agir sobre os elementos deterministas do complexo... Todavia o mundo pode também lhe aparecer como uma totalidade não utensílios, isto é, modificável sem intermediários e por meio de grandes massas. Neste caso as classes do mundo agiriam imediatamente à consciência, ser-lhe-iam presentes sem distância... Este aspecto do mundo é inteiramente coerente, trata-se do mundo mágico” (1965, p. 80).

Quando a ação determinista não consegue seus objetivos e as leis que regem o mundo em que é efetiva perdem o poder de controle, a Emoção surge como a forma opcional de adaptação. O mundo de utensílios manipuláveis cede lugar a outro em que seus componentes parecem ter vontade independente. Ocorre, portanto, um contacto direto e brusco com a falha. *“Assim, através da emoção, aparece-nos uma qualidade esmagadora e definitiva da coisa. É isso o que ultrapassa e mantém nossa emoção (...) É revelação quanto ao sentido do mundo” (SARTRE, 1965, p. 73).* E, acrescentaríamos, quanto a nós mesmos e a nossa relatividade. Essa revelação, entretanto, como se passa em outro nível, em geral não chega a se constituir numa noção intelectual. Quem chora ou ri está admitindo implicitamente que não tem nada mais eficiente a fazer, embora possa não ter consciência de tal admissão.

Esta outra maneira de apreensão não é pois uma fraqueza mas uma modalidade adaptativa de comportamento: *“chamaremos à emoção uma queda brusca no mundo mágico. Ou, se preferir, a emoção se dá quando o mundo dos utensílios desaparece bruscamente e o mundo mágico aparece em seu lugar. (SARTRE, 1965, p. 81).*

Em resumo: pelo raciocínio empreendemos um conhecimento guiado pela lógica em relação a um mundo regido pelo determinismo; pela emoção temos uma vivência direta de um mundo regido pela magia. Em ambos o mistério está presente, mas no primeiro caso ele é percebido como um **problema**; no segundo é uma **experiência** viva, concreta.

Na aprendizagem do cotidiano o pensamento mágico sofre restrição gradual, não só por parte da cultura, mas também da “coisa em si”: só o elemento determinista tem real efetividade de atuação. No entanto, um componente de magia não é exclusividade da emoção, existindo sempre, sob outros aspectos, nos comportamentos mais racionais e elaborados, embora cada vez mais filtrado. Talvez esta seja mesmo uma característica inerente ao homem.

A Magia - desconhecida nas atividades dos outros animais - pode ser identificada em qualquer comportamento caracteristicamente humano. A fabricação de coisas e signos, por exemplo, como nos apontou FISHER (1967, p. 42): *"por seu trabalho o homem transforma o mundo como um mágico: um pedaço de madeira, um osso, uma pederneira são trabalhados de maneira a assemelha-rem-se a um modelo, e com isso são transformados naquele modelo. Os objetos materiais são transformados em nomes, em conceitos. O próprio homem é transformado de animal em homem"*.

Nesse sentido a industrialização e a capacidade simbólica - genuinamente humanas e motivo de orgulho e superioridade - poderiam ser consideradas uma forma sofisticada de trabalho mágico.

As primeiras aquisições do indivíduo, como a coordenação dos movimentos com as mãos, das informações adquiridas com o olhar, a audição e o tato são desenvolvidas de modo lúdico, espontâneo. Além disso, possui um aspecto mágico de domínio sobre as coisas: fechar ou abrir os olhos equivaleria a fazer o mundo aparecer ou desaparecer. Os objetos podem cair com maior ou menor rapidez segundo nosso desejo, como podemos também decidir o lugar da queda: os objetos obedecem a nossa vontade.

Pela ação do pensamento uma coisa percebida é transformada em conceito, que por sua vez é objeto de percepção, tal qual uma coisa ("transsubstancialização"): *"o mundo está 'cheio de várias coisas' e estas entram no consciente pelo processo normal de percepção. Mas as coisas 'fora deste mundo', como dizemos - sentimentos, emoções, intuições, etc. - são trazidas ao consciente apenas na medida em que são reificadas, isto é, recebem existência 'de coisa', ou existência concreta"* (READ, 1967, p. 150).

BION (1975, p. 34) aponta a complexidade de transformações ao chamar a atenção do analista para o perigo de investigar a mente humana sem levar em conta que, como ser humano, só tem se especializado até agora na percepção de coisas: *"parece que nosso equipamento rudimentar de 'pensar' pensamentos é adequado quando os problemas estão associados com o inanimado, mas que não o é quando o objeto a investigar é o fenômeno da vida mesma"*. E nos aventuramos a dizer que a própria criação do mundo como determinista para facilidade de adaptação é uma expressão depurada da magia humana.

Portanto, embora haja uma nítida diferença entre as duas formas de conhecer e relacionar-se com o mundo, na verdade elas se tocam: qualquer conhecimento, por mais abstrato e racional que seja, possui uma base sensório-afetiva; por mais concreto e emocional, só é conhecimento quando se constitui noção, quando soma a contribuição intelectual ao afeto.

Embora o elemento afetivo e o intelectual estejam sempre presentes há uma diferença de predomínio: em certas ocasiões é a emoção que impera, em outras é a lógica. No pensamento altamente desenvolvido de pessoas inovadoras revela-se uma importância decisiva do componente emocional, estético. Falando sobre a criação matemática, POINCARÉ (s. d., p. 40) depõe: *“entre o grande número de combinações formadas cegamente pelo self subliminar... apenas algumas são harmoniosas e conseqüentemente úteis e belas. Serão capazes de tocar essa especial sensibilidade do geômetra de que falei, a qual, uma vez despertada, nos chamará a atenção para elas, e lhes proporcionará ocasião de se tornarem conscientes”*.

Cai a barreira subjetivo-objetivo, como cai também a separação emocional-racional. Sabemos agora que esses aspectos formam um contínuo sempre presente, em algum grau, nas manifestações do espírito. Uma descoberta importante foi, por exemplo, o papel determinante da ansiedade na percepção: embora possa parecer algo dissociado a interferir desastrosamente no comportamento, a um exame mais acurado a ansiedade se revela com a mesma função adaptativa exercida pela dor física, ou seja, a de preparar para a ação. *“É um sinal que aparece na experiência subjetiva de uma pessoa quando está incerta sobre a natureza do ambiente e sente medo de que possa ser ameaçador. Esta é apenas uma das origens da ansiedade, que pode também surgir por eventos internos do organismo”* (MILLER, 1951, p. 264).

A ansiedade é, portanto, um estímulo-sinal de importante função adaptativa, que põe o indivíduo em guarda e incentiva seu estado de alerta e o prepara para o comportamento. Porque a adaptação é essencialmente a possibilidade de observar o ambiente e então concluir se é hora de ter coragem para dar ênfase ao que pensa e sente ou se é melhor ter prudência e se conter.

Se, entretanto, a ansiedade ultrapassa certos limites, pode-se cair na tentação de concluir muito rapidamente a ação perceptiva, chegando a conclusões apressadas de pouca garantia, para não permanecer na ignorância aflitiva.

Freqüentemente o esforço de conhecimento imediato do ambiente é pouco adaptativo porque resulta de um tipo de clareza superficial que não pode ser suportado pela realidade do verdadeiro ambiente. *"Este é o modo pelo qual alguns organismos lidam com a ignorância: chegando a uma conclusão - qualquer conclusão - de modo a evitar a ansiedade que de outro modo surgiria"* (MILLER, 1951, p. 263).

Ora, esta ligação entre Ignorância e Ansiedade permite-nos afirmar que a **admissão de que não se sabe algo pode ser uma vivência frustradora para o ser humano** uma vez que se constitui num obstáculo a suas fantasias de onisciência. E, portanto, para alguém se deter na consideração de um problema perceptivo é preciso **tolerar a frustração de reconhecer que tem um problema, ou seja, um limite**, na medida em que se depara com uma barreira à ilusão de poder e de sabedoria.

D - Abertura para o Mundo

Adotamos a definição de ROSENZWEIG (s. d., p. 3) segundo a qual a frustração é um estado perceptível que ocorre *"sempre que o organismo encontra um obstáculo mais ou menos intransponível ou uma obstrução em seu caminho para a satisfação de qualquer necessidade"*. A frustração decorre, portanto, natural e inevitavelmente, do fato de se viver num mundo determinista, inerte, alheio a nossas pretensões, embora possamos acreditar numa época em que, ao contrário, bastava querer para conseguir.

Encontramo-nos assim diante do sonho do paraíso perdido, onde não havia desejo e frustração, onde não havia separação eu - não eu, nem oposição de vontades. Quando não havíamos ainda sido criados como autônomos, separados do útero materno. E passamos a vida divididos entre o anelo de recuperar aquele universo completo e o desejo, e a necessidade de conquistar este mundo de frustração, mas também de alegria.

Pois a alegria surge naturalmente sempre que se consegue superar uma frustração, satisfazer uma necessidade. A ponto do homem se criar problemas pelo prazer de resolvê-los e assim demonstrar, especialmente para si mesmo, o seu próprio valor. E a alegria surge também, paradoxalmente, quando o mundo determinista falha trazendo - gratuitamente - as boas surpresas da vida.

Aquela perfeição perdida, na verdade, é mais fruto de idealização que de memória: *"embora o estado pré-natal indubitavelmente implique uma sensação de unidade e segurança, até onde esse estado é imperturbado tem de depender da condição psicológica e física da mãe, e, possivelmente, até mesmo de certos fatores ainda inexplorados do feto"* (KLEIN, 1974, p. 30).

A idealização surge na idade de bebê por uma premência não só por alimento e satisfação psicológica, mas também porque é a defesa com a qual ele pode contar frente à ansiedade: *"... porque os desejos dele implicam querer que o seio e, logo depois, a mãe, ponham fim a esses impulsos destrutivos e ao sofrimento da ansiedade persecutória"* (M. KLEIN, 1974, p. 31).

De modo que, usando o modelo de SCHACHTEL, (1962, p. 37), verificamos haver, muito no início da vida, a caracterização de dois tipos diferentes de afeto: o afeto-enclausuramento, que consiste numa *"descarga difusa da tensão"* e cuja função biológica é *"induzir o meio a resolver as necessidades do organismo"*, e o afeto-atividade *"que pode ser descrito como uma tensão dirigida, sustentada e mantida na atividade"* e cuja função é *"estabelecer um laço emocional-afetivo entre o organismo individual e o meio, de modo que o organismo possa realizar as atividades que satisfarão suas necessidades, desenvolverão suas capacidades e prolongarão sua vida"*.

Ambos os tipos de afeto são necessários a nossa vida, mas desenvolvemos de preferência um deles, e qual seja tal preferência depende do quanto possamos ter avançado na abertura para o exterior. Esta varia segundo causas internas e externas. As externas seriam representadas pelo meio ambiente objetivo e cultural que pode ser diferente, por exemplo, conforme o sexo, a classe social, número de ordem na família e muitas outras variáveis. As internas seriam representadas por diferenças orgânicas ainda não suficientemente identificadas: *"Parece, entretanto, haver diferenças individuais na quantidade de ansiedade com que se começa, e talvez na quantidade total que ocorre com a incerteza sobre o mundo externo"* (MILLER, 1951 p. 264). Ambos os aspectos levarão a uma abertura cuja dimensão será determinante na forma do indivíduo particular reagir aos obstáculos de seu cotidiano.

O que dá sentido e valor emocionais ao encontro de barreira ou fracasso é pois o modo particular como está estruturado o mundo da pessoa. Se corresponde à relação entre o bebê e a mãe

que deve provê-lo de todas as suas necessidades e aspirações, então uma ausência de satisfação equivale a expressões de má vontade e ataque, e a procura do colo protetor é a reação natural. Mas não é a única possível, informa SCHACHTEL: *“do ponto de vista da existência independente, entretanto, a ausência do objeto do impulso ou a distância do fim buscado não constitui conflito, mas mobiliza o afeto-atividade e o impulso tendente ao esforço sustentado que permite alcançar o fim dentro do meio”* (1962, p. 37).

Se existem essas duas formas de perceber e reagir ao obstáculo, o que determinaria a opção? Tudo indica ser a capacidade de suportar as dificuldades que se projetam no futuro, sendo mais fácil e seguro o caminho que leva ao passado conhecido. *“A angústia do homem ao separar-se do enclausuramento é o fator que mais se opõe a sua projeção para o mundo. Quer confiná-lo ao enclausuramento familiar de tal modo que não experimente o temor e a surpresa do infinitamente novo e desconhecido”* (SCHACHTEL, 1962, p. 60).

E - O Concreto e o Abstrato

O texto de BERGSON (s. d., p. 22) que abre este trabalho assinala que a simples existência do modelo, inspiração ou como quer que o chamemos, não tem importância em si. O que tem valor é o esforço, a vivência da relação concreta, direta, com a matéria, sua resistência obrigando-nos a ceder, a renunciar, mas também a vencer, a submeter. A criação é pois um triunfo de quem sofreu obstáculo e souou para derrubá-lo e nessa luta empregou seu valor, seu ser.

Precisamos, portanto, levar em consideração, além do pensamento e suas formas, a resistência da matéria, que, por esse prisma, aparece como uma barreira e, portanto, uma fonte de frustração ou de alegria: *“(a natureza) nos adverte por um sinal preciso quando nosso objetivo foi alcançado. Este sinal é a alegria. Digo alegria, não digo prazer”*. E, então: *“onde há alegria há criação: mais rica a criação, mais profunda a alegria”* (BERGSON s. d. p. 23). Não alcançar essa alegria e ter consciência disso, eis a sensação de fracasso.

Um fracasso, por ser uma sensação e não um juízo, pode ser sentido como estendendo-se a toda a pessoa, não ficando

restrito ao objetivo determinado: uma razão pela qual a grande maioria prefere não tentar. Ao invés da criação, a re-produção é mais garantida.

Porque para realizar uma idéia é preciso entrar em contato com a matéria e o mundo objetivo, forçá-los a receber a forma que lhe queremos imprimir, e que THIS (1972, p. 291) chama de modelo: *"não é uma cópia, uma fotografia. É um esquema, um plano, uma idéia a realizar. O modelo é como o amante, fixa o desenho na matéria, transfere virtualmente sua estrutura aos objetos que serão feitos depois dele. É um símbolo de energia transmissível, uma fonte permanente de criação. Como o amante, o modelo possui um poder mágico"*.

Completando a imagem, acrescentamos que, como o amante, o modelo - concreto, teórico, simbólico - comporta uma renúncia: seu fruto jamais será igual, sua magia jamais será completa. Pois, como diz SARTRE (1967, p. 5), *"é, com efeito, na medida em que são inertes que as coisas escapam ao domínio da consciência; sua inércia é que as salvaguarda e que conserva sua autonomia"*. Por causa da resistência que lhe apresenta o outro - a matéria - o fruto resultará de um compromisso entre as duas partes, amante-amado, modelo-matéria. É preciso renunciar à idéia em seu estado absoluto para realizá-la dentro da relatividade. É preciso renunciar à onipotência para aceitar o compromisso, o limite, e poder criar.

BION (1975, p. 95) distingue entre "modelo", que reserva para a combinação de imagens concretas, passadas, e "abstração", *"impregnada por preocupações do futuro do indivíduo"*, de natureza mais formal, relacional: *"o sistema dedutivo abstrai de uma experiência emocional aquelas qualidades que mostram a relação entre os elementos nessa experiência emocional. Os elementos relacionados têm menos importância. O modelo acentua os elementos reais, as imagens visuais, mas a forma em que estão unidos é de menor importância"*.

A abstração é realmente uma forma muitas vezes vantajosa de tratar com a resistência do concreto, retirando-lhe as qualidades específicas e **reduzindo-o** a seus aspectos mais genéricos. Podemos então dizer que a abstração também impõe renúncia, separação. É de grande valor adaptativo porque ao se distanciar do concreto retira-lhe a carga emocional de obstáculo e permite uma

maior flexibilidade e articulação. Quando se aplica a material subjetivo possibilita o **controle** (adiamento da gratificação) e a **elaboração** (substituição da ação pelo pensamento) dos impulsos.

Essa efetividade adaptativa torna a abstração imperiosa. Não nos é possível mantermo-nos a todo tempo ligados ao que acontece fora e dentro de nós, de forma concreta, direta. É necessário distância, controle, libertação do estímulo.

Mas também a abstração deve ser contida. Em todos os níveis de pensamento, e especialmente nos mais elevados, é fundamental que haja a possibilidade de um contato direto, concreto, com o objeto do pensamento.

E nos deparamos novamente com uma questão de preferência em termos de estilo de apreensão: o conhecimento racional, abstrato, que se orienta em termos de utilidade enquanto solução de um problema concreto, teórico ou emocional; o conhecimento emocional e lúdico que se orienta mais para o próprio ato de aquisição, encontrando prazer na descoberta. Isto, que a princípio se acreditou ser característico de arte, sabe-se agora que vale para todos os campos da atividade humana: *“o comerciante que desenvolve seus negócios, o industrial que vê prosperar sua indústria, é alegre em razão do dinheiro que recebe e da notoriedade que adquire? (...). Riqueza e consideração entram, evidentemente, e muito, na satisfação que sentem, mas levam a prazeres anteriores à alegria, pois o que tem o gosto de alegria verdadeira é o sentimento de haver montado uma empresa que progride, de haver chamado qualquer coisa à vida”* (BERGSON, s. d., p. 23).

Também essa forma concreta e sensorial de lidar com fatos internos e externos é importante na adaptação, em especial porque oferece oportunidade de lidar - fora - com material interior. Devemos, porém, distinguir dois fatos muito diversos. Um é perceber os pensamentos como concretos, coisas atravancando a mente e precisando ser expulsas. Encontramos uma explicação para esse fato no esquema freudiano que localiza a origem da atividade de pensar num processo de aliviar a mente quando esta se via sobrecarregada de estímulos. O mecanismo que possibilitaria a descarga é sobejamente descrito por Melanie KLEIN. Trata-se da fantasia onipotente de ser possível dissociar partes de si e colocá-las em outrem.

Outro fato é a concretização do pensamento pela interação com a matéria, criando no mundo externo algo que tem

correspondência no mundo interno. A criação teria, assim, uma função adaptativa que nasce não de um mero expelir material interior, mas da apropriação e manipulação desse material posto no exterior, transformado em obra. E o valor objetivo que essa obra possa ter é, sob este aspecto, apenas secundário.

Fica uma pergunta no ar: por que não somos todos então criativos? Mais uma vez encontramos em FREUD (1990, p. 308) a resposta. *"Para muitas pessoas, não parece fácil adotar esta disposição com as ocorrências 'livremente emergentes' em aparência e renunciar à crítica que sobre elas exercem em todo caso. Os 'pensamentos involuntários' costumam desencadear uma violentíssima resistência que trata de impedi-los de emergir. Se dermos crédito a SCHILLER, nosso grande filósofo e poeta, uma tal disposição é também condição da produção poética"*.

F - Dois Estilos de Trabalho Mental

Há, portanto, duas respostas diferentes no relacionamento com o mundo objetivo: uma que considera o objeto enquanto problema, abandonando-o logo que encontre uma solução; outra que se detém junto ao objeto, examinando-o enquanto o interesse - não a necessidade prática - estiver presente: *"o que devemos finalmente reconhecer é a existência de dois modos distintos de inteligência; um poderia ser chamado de inteligência cartesiana, já que começou com DESCARTES, o primeiro filósofo a separar o raciocínio de uma dependência sensória das coisas ('penso, logo existo') e outro que poderia ser chamado inteligência estética, já que mantém contato com o mundo sensório em todas as fases de seu raciocínio (sinto, logo existo): a realidade é uma criação de meus sentidos"* (READ, 1967, p. 169).

Haveria, portanto, pessoas que cracteristicamente adotariam o pensamento cartesiano, outras que se definiriam pelo raciocínio estético. Isto em termos de predominância, pois há um mínimo de participação de cada tipo de inteligência necessária para cada ato de sobrevivência.

Resumindo: diante de um problema haveria três tipos de resposta: a "errada", rejeitada pelo consenso; a "certa" admitida pela maioria como solução adequada; a "original", ou "criativa", que também é adequada mas foi obtida por raciocínio raro, não correspondente ao habitual.

Por que há essa divergência? Entre a adequada e a inadequada a diferença decorre de uma falha perceptiva, cuja origem pode ser de ordem física (deficiência sensorio-motora) ou psíquica (emocional, lógica ou mnêmica). Mas entre a resposta adequada convencional e a resposta adequada original ainda continuará um problema.

Uma pista importante é fornecida por SCHACHTEL (1962, p. 61) quando fala em enclausuramento cultural, em que o indivíduo desiste de procurar sua própria forma de relacionamento com o mundo, adotando integralmente o padrão que lhe é imposto pela cultura de que participa: *"A angústia que produz esse fenômeno é a angústia da solidão, de ser diferente dos demais, sem saber como superar esta solidão numa forma diferente da conformidade com o padrão cultural geral"*.

De modo que a vida, sendo movimento e mudança, impõe um constante desafio à capacidade de renunciar, perder, partir. A grande maioria consegue sobreviver a esses embates graças ao consolo dos que sofrem o mesmo, graças à adesão do grupo. Poucas são as que conseguem enfrentar o desafio e criar, a partir delas, sua própria personalidade, além de outras obras duradoras.

Não há uma norma humana para a tolerância à frustração, e deve haver uma variação infinita entre as pessoas quanto a este aspecto. O que sabemos é que: *"As pessoas que recorrem a sentimentos mágicos de onipotência com a intenção de negar as dificuldades da realidade e voltar, através da fantasia, à fase quase intra-uterina na qual seus desejos pareciam produzir magicamente o cuidado materno e a satisfação do desejo, serão particularmente vulneráveis ao encontro de obstáculos e frustrações, porque estes contrastam obviamente com a fantasia narcisista da onipotência"* (SCHACHTEL, 1962, p. 42). Assim, não só nas artes e na ciência - também na vida - é necessário tolerar frustrações e ser capaz de renunciar ao perfeito para aceitar o relativo e ser capaz de criar. Do contrário tornamo-nos prisioneiros da rotina e da esterilidade.

Neste caso em particular a exceção fascina. Como certas pessoas conseguem destacar-se do consenso e construir obras e valores próprios? Ainda mais considerando-se que a valorização de suas realizações pelos outros é em geral tardia, como conseguem vencer a tentação da uniformidade? KOESTLER (1965, p. 308), caracteriza muito bem tais pessoas, embora sem explicá-las: *"As*

forças que levam o indivíduo a resistir criteriosamente às tentações da 'lógica' e do 'óbvio' - sua capacidade para permanecer como 'sonâmbulos' dentro da 'realidade' de sua época - desempenha um papel essencial na produção de suas obras criadoras".

O que nos despertou o interesse não foi, entretanto, o talento de pessoas geniais que se destacaram excepcionalmente em alguma atividade. Nossa atenção está voltada para as pessoas com "grau normal" de criatividade ou mesmo as prejudicadas nesse setor. Nosso objetivo volta-se mais explicitamente à criatividade necessária e sempre presente ao enfrentar o cotidiano: *"Se, portanto, em todos os domínios, o triunfo da vida é a criação, não nos é lícito supor que a vida humana tem sua razão de ser em uma criação que, diferentemente daquela do artista e do sábio, pode prosseguir em todos os momentos em todos os homens? A criação de si por si, o engrandecimento da personalidade por um esforço que extrairia muito do pouco, alguma coisa do nada e acrescenta algo sem cessar ao que havia de riqueza do mundo?"* (BERGSON, s. d. p. 23).

Sob este ponto de vista, a manipulação exterior de material interior, a concretização real de fantasias não é apanágio de superdotados; todos o fazemos. E BION (1975, p. 54) chama a atenção para esse fato e suas conseqüências que devem ser levadas em conta quando se busca uma compreensão generalizadora, abrangente, da pessoa que está aqui. Esse autor assinala que, como a operação da fantasia pode ser deduzida e interpretada a partir dos dados de observação, o analista deve estar muito atento para o grau de adaptação em todo caso conseguido pelo paciente e que habilita a este para uma manipulação tal do ambiente que pareça demonstrar o quanto suas fantasias estão coerentes - e, portanto, justificadas - com a realidade. E acrescenta: *"a capacidade do paciente para engrenar sua fantasia onipotente de identificação projetiva na realidade está diretamente conectada com sua capacidade de tolerância à frustração"*.

E mais uma vez fomos levados à mesma indicação que tem se repetido ao longo deste trabalho, apesar das diferenças entre os autores: a frustração.

Afora a implicação para a psicologia do homem e dos efeitos restritivos que a dificuldade de lidar com obstáculos exerce sobre sua liberdade mental e afetiva, temos também a constrição intelectual, levando a bloqueios em sua capacidade de aprendizagem:

“Se a pessoa que está aprendendo não pode tolerar a frustração essencial de aprender, permite-se fantasias de onisciência e uma crença em um estado em que as coisas são conhecidas. Essa pessoa não pode aprender porque para tanto precisaria primeiro admitir que tem o que aprender, isto é, que não sabe. E isso ela não consegue suportar” (BION, 1975, p. 54).

SUMMARY

THE POSSIBILITY OF CREATING

Mental life, taken as a movement, creates a field of activity defining a region of conscience out of which mystery prevails. The dimensions and characteristics of the region accessible to conscious knowledge determine the capacity of control. The tolerance towards the limits of such capacity allows people either to face the world or to close themselves to such an extent that one can even assign to the world outside the fulfillment of one's necessities. The world's materialistic and determinist aspects, since they can be controlled, are more attractive to knowledge, whereas the psychological and social fields use to present a greater challenge. Facing such context, personality is presented a choice between two kinds of mental work, the intelligent cartesianism or the esthetic and creative work.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, H. - *L'énergie spirituelle*, Genève: Albert Krire, s. d.
- BION, W. R. - *Aprendiendo de la experiencia*, Buenos Aires: Paidós, 1975.
- FISHER, E. - *A necessidade da arte: uma interpretação marxista*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- FREUD, S. - *Interpretação de sonhos (1900)* In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 5: 543.
- _____ - *Formulações dos dois princípios do funcionamento mental (1911)* In: FREUD, s, op. cit., 12:277.

- KLEIN, M. - **Inveja e gratidão: um estudo das fontes inconscientes**, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- KOESTLER, A., **The sleep-walkers a history men's changing vision of universe**. New York: Mac Millan, 1959.
- MILLER, J. - Inconscient process and perception, In: BLAKE, R. R. and RANSEY, G. V. (eds), **Perception: an approach to personality**, New York: Ronald press, 1951.
- POINCARÉ, H. - The mathematical creation. In: GHISELIN, B. (ed), **The creative process**, 13 ed., New York: New American Library, s. d.
- READ, H. - **As origens da forma na arte**, Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- ROSENZWEIG, S. - **Teste de frustração. Manual. Forma para adultos**, Rio de Janeiro: Cepa, s. d.
- SARTRE, J. P. - **Esboço de uma teoria das emoções**, Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- _____ - **A imaginação**, 3ª ed., São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- SCHACHTEL, E. G. - **Metamorfosis: sobre el desarrollo del afecto, la percepción, la atención y la memoria**. México-Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 1962.
- THIS, C. - L'instant de création, In: **Art et science: de la créativité**. Paris: Union générale d'éditions, 1972.